

# O TRIUNFO DE XÂNTIAS

RUI TAVARES DE FARIA

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – CECH

RUI.MV.FARIA@UAC.PT

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0529-9107](https://orcid.org/0000-0002-0529-9107)

Estreou, no passado dia 6 de outubro, a primeira longa-metragem totalmente falada em grego antigo. Intitulado “The Frogs” (“Rãs”, em língua portuguesa), o filme é uma produção da Iuvenalis Pictures, realizada por *alumni* da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica.

Com a duração de 72 minutos, “The Frogs” é uma recriação cinematográfica amadora que não se baseia apenas na comédia homónima de Aristófanes, premiada com o 1.º Lugar nas Leneias de 405 a.C., como o título parece, à primeira vista, supor. Da cena moderna fazem parte também enredos, cenários e temas tratados por outros autores gregos, como o mito de Alceste, tal como Eurípides o recriou na peça com o mesmo nome, ou o Amor, tópico que domina o célebre diálogo travado pelos ilustres convivas de Ágaton no *Banquete* de Platão, ou ainda as batalhas vividas por ratos e rãs na *Batracomiomaquia*.

Se, para o espetador que conhece as obras atrás referidas, essa recriação cinematográfica pode revelar-se, à partida, inusitada ou até ousada, como reagirá quem assiste a um filme exclusivamente falado em grego antigo, sem referentes literários e culturais que lhe possam proporcionar um entendimento, por mais simples que seja, acerca da ação ou das ações aí reproduzidas? Trata-se, na verdade, de um bom desafio aquele que a primeira longa-metragem em grego antigo nos coloca, a professores e alunos das línguas e cultura clássicas, a telespetadores em geral. Vamos descobrir porquê.

Tal como sucede com a Comédia Grega, particularmente a *Archaia* — da qual Aristófanes é o representante, por serem da sua autoria as onze peças que nos chegaram na íntegra, entre as quais *Rãs*, considerada, quase de forma unânime, como a sua obra-mestra —, o mecanismo de que esta versão cinematográfica se serve para desafiar as audiências modernas, mesmo quando estas integram classicistas e outros entendidos na matéria, é o efeito surpresa. Será possível mesclar os enredos de comédias e tragédias e daí resultar um produto de qualidade? Fará sentido a intervenção de personagens divinas ao lado de animais falantes, que lutam para vingar a morte de um roedor que sucumbiu perante o infortúnio a que a mãe natureza o votou?

Se, no universo cómico de antigamente esses cenários eram exequíveis, o que se há de dizer ou pensar quando cabe ao cinema uma recriação deste género? Diz-se que é possível, pois, mas pensa-se no impacto que terá nas grandes massas como destinatárias. No caso concreto da produção da Iuvenalis Pictures, o sucesso não está, à partida, condenado, porque ao elemento surpresa se alia, *grosso modo*, a curiosidade. Há que assistir, portanto, ao filme para se determinar o talento da recriação surpreendente de um grupo de antigos alunos de estudos clássicos (hoje doutorados!), que assumem — vê-se e ouve-se! — a sua paixão pela língua e pela cultura da Grécia antiga.

O filme começa com a narrativa do episódio que culmina na triste morte do rato Ψιχάρπαξ (“Furta-migalhas”), tal como relatado na *Batracomiomaquia*. Um pouco à semelhança dos clássicos da Disney, muitas vezes iniciados com a voz serena de um(a) narrador(a) que acompanha o abrir das páginas de um livro animado gigante, cheio de cores e efeitos especiais, possíveis nos contos de fadas (e no cinema!), também assim se processa o começo de “The Frogs”. As personagens — o rato, a rã, a serpente — vão sendo desenhadas e redesenhadas à maneira que a voz de fundo vai dando conta do infortúnio que vítima Ψιχάρπαξ.

*Ex abrupto*, eis que o telespetador se depara com um cenário campestre que vai sendo trilhado por duas figuras: são Dioniso e

o seu escravo Xântias. A partir deste momento, reproduz-se *ipsis verbis* boa parte do diálogo inicial da comédia de Aristófanes, assim como se representa o encontro do deus do teatro com Hércules, o seu “maninho” valentão, a quem caberá indicar o caminho para o Hades, morada última dos mortais e destino que Dioniso pretende alcançar, com vista a trazer para o mundo dos vivos Eurípides, o poeta trágico recentemente falecido e por quem sente um “desejo inexplicável”. Informado do itinerário, as ações das diferentes obras em que se baseia o filme – as quais, no fim, se misturam – decorrem em paralelo.

Enquanto o deus do teatro segue o caminho que se propôs fazer, Hércules recebe em sua casa um outro visitante. É o rei Admeto que, desolado, lamenta a partida de Alceste para o mundo dos mortos. Se Hércules pudesse reviver um dos seus doze trabalhos, o de ter descido ao reino dos mortos, voltaria acompanhado daquela que deu a vida pela do marido, a jovem filha de Pélias. Dioniso, por seu turno, vê-se diante de Caronte e assume, mau grado a sua falta de vontade (e de apetência!), a função de remador na barquinha que o vai transportar, por dois óbolos, ao seu destino final. E Xântias? Xântias não pôde embarcar, Caronte não transporta na sua barca escravos. Por isso, lá tem de percorrer as margens do profundo rio até à paragem onde deverá atracar o seu amo. É nessa viagem que as rãs entoam o célebre “*Brekekekekx, coax, coax*”; logo se instaura a cantoria agónica entre Dioniso e as figurinhas verdes que o desafiam. Trajados a rigor, os homens-rãs dançam e cantam, desencadeando um momento digno de um musical. Do confronto sai vencedor Dioniso e, em seguida, atraca e procura por Xântias, o seu fiel companheiro.

A partir desta cena, que respeita quase integralmente a peça aristofânica, sucedem-se os cruzamentos dos enredos das quatro obras que suportam a recriação cinematográfica. O deus do teatro e o escravo encontram os ratos e juntos, à volta de uma fogueira, recebem Diotima, a sacerdotisa que é apresentada com um papel importante no *Banquete* de Platão, onde se afirma ter sido ela mentora de Sócrates nas

questões do Amor. É de facto este o tópico da conversa que envolve as personagens ali presentes, tal qual os convidados e amigos de Ágaton do simpósio platónico. A história de Amor relatada por Diotima é precisamente a de Alceste e Admeto. A inter-relação dos enredos das fontes gregas que antes parecia estranha ganha sentido doravante. A economia da representação acelera-se e Dioniso, ao invés de recuperar do Hades Eurípidés, apresenta-se em casa de Hércules com uma figura feminina encapuçada. Hércules logo vê ali a resolução do seu problema relativo à tristeza extrema de Admeto, consequência da sua viuvez e promessa de não voltar a casar-se. Há que o dissuadir do juramento feito à falecida Alceste e o levar a aceitar aquela mulher para amante. O rei enlutado vê naquela figura a silhueta da sua amada e não é que, depois de lhe ser retirado o capuz, Diotima passa a ser Alceste?!

Entretanto, no momento em que o casal se abraçava, num jeito de imenso Amor, os ratos que acompanhavam a comitiva de Dioniso avistam as rãs, as supostas assassinas do extinto “Furta-migalhas”. “À guerra!” é a exclamação de ordem: roedores e batráquios lutam e contam com a ajuda das demais personagens. Xântias é ferido... de morte! Dioniso acorre à sua beira, qual Príamo quando recupera o cadáver de Heitor, e o diálogo que travam é um puro manifesto de afeição e amor. Aí, o deus patrono do teatro apercebe-se do valor prestimoso do seu fiel companheiro de viagem, o escravo Xântias, e diz:

242

εἴθε πρὶν γ' ἔμαθον  
ὅτι ἐστὶν ὁ Ξανθίας οὗ χρήζω.  
τοιούτος ἐμοὶ πιστὸς ἐταῖρός τε παιγνιοποιητῆς τε  
παθητικοπράκτηρ τε ἄριστος φιλόσοφος τε.

Se eu me tivesse apercebido antes...  
de que Xântias era o homem que eu tanto desejava.  
Que companheiro fiel, um poço de piadas...  
um dramaturgo nato e um promissor filósofo!

É a aclamação de Xântias como grande poeta o mote – em jeito de cantoria – que encerra a recriação moderna do enredo das *Rãs* de Aristófanes. Qual terá sido o objetivo do realizador ao dar o triunfo a Xântias? A resposta, claro está, “daria panos para mangas” ou, pelo menos, umas três dezenas de páginas convertidas em artigo científico. Por ora, fica o convite ao leitor para assistir à primeira longa-metragem falada exclusivamente em grego antigo, com legendas em português, disponível em *Frogs (2023) | World’s First Film in Ancient Greek (Full Movie)* - YouTube. Vale a pena!

